



# LA PRÁCTICA EDUCATIVA

**HISTORIA, MEMORIA Y PATRIMONIO**

SARA GONZÁLEZ, JURI MEDA, XAVIER MOTILLA  
Y LUIGIAURELIO POMANTE (EDS.)

## **Edita**

FahrenHouse  
Valle Inclán, 31  
37193. Cabrerizos (Salamanca, España)  
www.fahrenhouse.com

## **© De la presente edición:**

FahrenHouse  
y los autores

Reservados todos los derechos. Ni la totalidad ni parte de este libro puede reproducirse ni transmitirse sin permiso de FahrenHouse, salvo para usos docentes o no comerciales.

**ISBN (PDF):** 978-84-948270-6-8

## **Título de la obra**

La Práctica Educativa. Historia, Memoria y Patrimonio

## **Autores de la obra**

Sara González, Juri Meda, Xavier Motilla y Luigiaurelio Pomante (Eds.)

## **Diseño y composición**

Iván Pérez Miranda

## **Cómo referenciar esta obra**

González, S., Meda, J. Motilla, X. y Pomante, L. (Eds.). (2018). *La Práctica Educativa. Historia, Memoria y Patrimonio*. Salamanca: FahrenHouse.

## **Materia IBIC**

JN- Educación Pedagogía

Fecha de publicación: 05-10-2018

## **Comité Organizador**

Gabriel Barceló (GEDHE – Universitat de les Illes Balears), Marta Brunelli (CESCO – Università degli Studi di Macerata), Pere Capellà (GEDHE – Universitat de les Illes Balears), Pere Fullana (GEDHE – Universitat de les Illes Balears), Llorenç Gelabert (GEDHE – Universitat de les Illes Balears), Sara González (GEDHE – Universitat de les Illes Balears), Juri Meda (CESCO – Università degli Studi di Macerata), Avelina Miquel (GEDHE – Universitat de les Illes Balears), Xavier Motilla (GEDHE – Universitat de les Illes Balears), Luigiaurelio Pomante (CESCO – Università degli Studi di Macerata)

## **Comité Científico**

Carmen Agulló (Universitat de València; SHE-IEC), Anna Ascenzi (CESCO – Università degli Studi di Macerata; SIPSE), Alberto Barausse (Università degli Studi del Molise), Marta Brunelli (CESCO – Università degli Studi di Macerata), Antonella Cagnolati (Università degli Studi di Foggia), Maria Helena Camara Bastos (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Delphine Campagnolle (MUNAÉ – Musée National de l'Éducation), Pierre Caspard (ex-INRP – Institut National de Recherche Pédagogique), Antoni J. Colom (Universitat de les Illes Balears; Institut d'Estudis Catalans), Francisca Comas (GEDHE – Universitat de les Illes Balears), Jean-François Condette (Université d'Artois), Carmela Covato (Università degli Studi Roma Tre; SIPSE), Paulí Davila (Euskal Herriko Unibertsitatearen Hezkuntzaren Museoa), Patricia Delgado (Universidad de Sevilla; SEDHE), Agustín Escolano (Centro Internacional de la Cultura Escolar), Marguerite Figeac-Monthus (Université de Bordeaux), António Gomes Alves Ferreira (Universidade de Coimbra; HISTEDUP), Vera Lucia Gaspar da Silva (Universidade do Estado de Santa Catarina), Carla Ghizzoni (Università Cattolica del Sacro Cuore di Milano; CIRSE), Antonis Hourdakis (University of Crete; GSEH), Panagiotis Kimourtzis (University of the Aegean; GSEH), Alejandro Mayordomo (Universitat de València; SEPHE), Juri Meda (CESCO – Università degli Studi di Macerata), Maria Cristina Menezes (Universidade Estadual de Campinas; RIDPHE), Pedro Luis Moreno (MUVHE – Universidad de Murcia; SEPHE), Maria Cristina Morandini (Università degli Studi di Torino), Gabriela Ossenbach (Universidad Nacional de Educación a Distancia), Eugenio Otero (Universidade de Santiago de Compostela; SEDHE), Tiziana Pironi (Università degli Studi di Bologna; CIRSE), Luigiaurelio Pomante (Università degli Studi di Macerata), Maria del Mar del Pozo (Universidad de Alcalá de Henares), Roberto Sani (CESCO – Università degli Studi di Macerata), Joan Soler (Universitat de Vic – Universitat Central de Catalunya; SHE-IEC), Bernat Sureda (GEDHE – Universitat de les Illes Balears), Antonio Viñao (MUVHE – Universidad de Murcia)

## Organizado por:

Grup d'Estudis d'Història de l'Educació de la Universitat de les Illes Balears



Universitat  
de les Illes Balears

Grup d'Estudis  
d'Història  
de l'Educació

Centro di documentazione e ricerca sulla storia del libro scolastico e della letteratura per l'infanzia della Università degli Studi di Macerata (CESCO-UniMC)



unimc

Sociedad Española para el estudio del Patrimonio Histórico-Educativo (SEPHE)

sephe  
Sociedad Española para el Estudio  
del Patrimonio Histórico-Educativo

Società Italiana per lo studio del Patrimonio Storico-Educativo (SIPSE)

SIPSE  
SOCIETÀ ITALIANA  
PER LO STUDIO DEL  
PATRIMONIO  
STORICO-EDUCATIVO

## Con la colaboración de:

Ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades (MCIU), Agencia Estatal de Investigación (AEI) y Fondo Europeo de Desarrollo Regional (FEDER, UE). EDU2017-82485-P



MINISTERIO  
DE CIENCIA, INNOVACIÓN  
Y UNIVERSIDADES



AGENCIA  
ESTATAL DE  
INVESTIGACIÓN



EUROPEAN UNION

EUROPEAN REGIONAL  
DEVELOPMENT FUND

"A way to make Europe"

Departament de Pedagogia i didàctiques específiques,  
Universitat de les Illes Balears (UIB)



Universitat  
de les Illes Balears

Departament  
de Pedagogia  
i Didàctiques Específiques

Dipartimento di Scienze della Formazione, dei Beni Culturali e del Turismo, Università degli Studi di Macerata (UniMC)



unimc

Facultat d'Educació, Universitat de les Illes Balears (UIB)



Universitat  
de les Illes Balears

Facultat  
d'Educació

Institut de Recerca i Innovació Educativa (IRIE. UIB-GOIB)



Irie

Institut de Recerca  
i Innovació Educativa

UIB - GOIB

Arxiu i Museu de l'Educació de les Illes Balears



Ajuntament d'Inca



Ajuntament d'Inca

Museo della scuola «Paolo e Ornella Ricca»



/ CENTRO DI DOCUMENTAZIONE E RICERCA  
SULLA STORIA DEL LIBRO SCOLASTICO  
E DELLA LETTERATURA PER L'INFANZIA  
/ MUSEO DELLA SCUOLA  
"PAOLO E ORNELLA RICCA"

Departament de Cultura, Patrimoni i Esports, Consell de Mallorca



Departament de  
Cultura, Patrimoni i Esports  
Consell de Mallorca

Red Iberoamericana para la Investigación y la Difusión del Patrimonio Histórico-Educativo (RIDPHE)



*Página intencionadamente en blanco.*

# ENTRE PASSADO E PRESENTE: A MEMÓRIA DA ESCOLA DO TEMPO DO ESTADO NOVO EM PORTUGAL

*Rooney Figueiredo Pinto*

*GRUPOEDE, CEIS20, Universidade de Coimbra*  
Email: rooneypinto@uc.pt

*António Gomes Ferreira*

*FPCEUC / GRUPOEDE, CEIS20, Universidade de Coimbra*  
Email: antonio@fpce.uc.pt

*Luís Mota*

*ESE, IPC / GRUPOEDE, CEIS20, Universidade de Coimbra*  
Email: mudamseostempos@gmail.com

**RESUMO:** Partindo de uma perspetiva sociodinâmica da memória, onde a recordação depende tanto do momento passado como do presente, e apoiado nos trabalhos de Halbwachs (1994), Changeux & Ricoeur (2001), Bergson (2012), Le Goff (2000), Michel (2016), Baddeley, Anderson, & Eysenck (2011) entre outros, este trabalho propõe reflexões em torno das seguintes perguntas: Que recordações das práticas educativas emergem quando evocamos a memória da escola do tempo do Estado Novo? Como são recordadas e que significados lhe são atribuídas? Qual o seu contributo para uma melhor compreensão da memória social da escola? Adotamos uma metodologia qualitativa no tratamento dos dados coletados em entrevistas semiestruturadas aplicadas em 2017, utilizando um dos casos para análise neste trabalho. Através das narrativas foi possível verificar que o regime se revela na sala de aula, materiais, conceção de autoridade, castigos e relação entre alunos e docentes. As memórias combinam história social dos alunos, professoras e os desafios físicos e económicos. As narrativas destacam a criatividade nas práticas pedagógicas para superar as dificuldades. Os significados atribuídos às recordações revelam uma perceção sociodinâmica dos eventos biográficos, contribuindo para uma melhor compreensão da memória social da infância, da família e da escola. Concluímos que a memória da escola do tempo do Estado Novo permite-nos compor um imaginário

que dialoga entre o passado e o presente, além de expor as transformações sociais da escola nas últimas décadas em Portugal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória da escola; perspetiva sociodinâmica da memória; Recordações das práticas educativas; Estado Novo.

## 1. Introdução

**E**ste trabalho insere-se numa investigação em desenvolvimento no âmbito do Doutoramento em Estudos Contemporâneos, no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX na Universidade de Coimbra. O objeto central da investigação é a memória social da escola numa perspetiva sociodinâmica, onde atores e contexto dialogam na construção de suas perceções. A escola do tempo Estado Novo em Portugal apresenta-se como um microcosmo social, com natural reflexo do regime nos materiais, nas práticas pedagógicas, na vida quotidiana e na memória social. Mas em que aspetos um Estado Conservador e Intervencionista reflete-se na memória da escola? Olhar o cenário político nacional como um contexto onde a escola está inserida é a perspetiva sobre a qual desenvolvemos nossa abordagem neste trabalho.

## 2. O Estado Novo e a Educação

Não sendo o objetivo central deste trabalho caracterizar o Estado Novo (1933-1974), mas tão somente apresentar uma brevíssima introdução que permita uma contextualização para o nosso estudo, tomamos a liberdade de adotar e conceção aberta de «Estado Conservador e Intervencionista», proposta por Torgal em sua obra «Estados novos, Estado novo: ensaios de história política e cultural» (2009, 54) a qual afasta a hipótese de aproximação do regime português aos regimes fascistas. Por outro lado, não excluimos a interpretação de suas características enquanto um regime totalitário, autoritário e controlador, como as referidas por Arendt (Arendt, 2017, 519-520). Por mais que se aponte uma simpatia de Salazar à ideologia de Franco e Mussolini, vemos um chefe de Estado que se esforça em criar sua própria versão do regime, a qual reflete sua personalidade e o cenário político, económico e social português.

Mas o que particularmente perdura no tempo e faz o regime Salazarista tão marcante na memória? Se a natureza de um regime autoritário e

controlador não for suficiente como resposta, podemos ainda lembrar que o Estado Novo português estende-se mais que os outros, fossiliza-se em sua própria concha, amplificando sua marca na memória política, social e cultural do país. O sucesso do regime, ao menos na sua massificação e controlo, não se resumia na «conquista do Estado» a qual era considerada por Salazar como insuficiente, a estabilidade poderia ser atingida com a conquista das almas, o que se faria com a reforma da educação. (Rosas, 2015, 176) Nas palavras de Rômulo de Carvalho, «Salazar tinha uma doutrina que não abarcava apenas, obviamente, o âmbito das finanças, mas todos os aspectos do comportamento individual e social» (Carvalho, 2011, 723). A propaganda do Estado Novo apresentava como ideias essenciais, estruturantes do discurso a reinvenção do passado histórico num sentido nacionalista, a criação de uma identidade nacional de fundo ruralista, a utopia corporativa, a inspiração católica conservadora e o culto da ordem assegurado pela autoridade. (Rosas, 1998, 259-260) Neste sentido e, como acontece em todos os regimes totalitários, a escola torna-se numa instituição de particular interesse do Estado para a promoção de suas ideias e controlo ideológico da sociedade, «tanto pela população que acolhe e pelo tempo que a ocupa, como pelo conteúdo, estratégia e organização que impõe», especialmente no «veicular de ideias e posturas» (Gomes Ferreira, 1999, 137).

### **3. Memória Social e memória da escola do tempo do Estado Novo**

A memória social enquanto objeto de estudo na Contemporaneidade, especialmente no período pós II Guerra Mundial, têm como principal referência as investigações do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945), em torno da memória individual e coletiva, nomeadamente com a publicação de seus estudos *Cadres Sociaux de La Mémoire Collective* (1925) e a obra póstuma *La Mémoire Collective* (1950). Referência para o estudo da memória enquanto objeto científico de interesse social, o paradigma Halbwachiano transcende a memória histórica e explora o caráter dialógico e transmutativo da memória nos grupos de indivíduos. Para o autor, *Tout personnage et tout fait historique, dès qu'il penetre dans cette mémoire s'y transpose en un enseignement, en une notion, en un symbole; il reçoit un sens; il devient un élément du système d'idées de la société* (1994, 296). Embora a proposição de Halbwachs tenha sido lançada no anos 30 do século passado, permanece atual a afirmação de que memorizar, recordar e

representar a recordação é uma dinâmica que associa-se à uma orientação social do indivíduo que narra. Como referem Gomes Ferreira e Mota, *In fact, memory arises from the combination and interconnection of described forms of memory, and the later form, the act of memorising or remembering, is socially oriented* (2013, 699).

Nossa proposição defende que a memória social da escola do tempo do Estado Novo movimentava-se entre dois contextos distintos situados entre o passado e o presente. Se o primeiro resgata um cenário distante, recorrendo algumas vezes à memória semântica e impregnado pela leitura histórico-temporal, o segundo apoia-se na memória biográfica ou episódica (Baddeley, Anderson, & Eysenck, 2011, 159-164) sobre a qual a narrativa revela uma complexa rede de interferências. Este pormenor, indica que o exercício da recordação põe em diálogo o passado e o presente (Bergson, 2012, 165), de uma forma que a memória da escola opera numa dinâmica social do acontecimento. Recordar e narrar o «recordado» coloca em conflito o narrador, o qual é tragado por uma multidão de novos significados que interferem em sua percepção do acontecimento ou como refere Zourabichvili, «O problema moderno, do qual o pensamento do fim e de algum modo da leitura derivada, o reflexo negativo, consiste em que já fomos tragados por outra coisa, por outros signos» (2016, 47). A afirmação parte do princípio que ao recordar atribuímos novos significados à narrativa de lembranças velhas.

As recordações do tempo da escola estão sujeitas às narrativas que se desenrolam repletas de constructos novos e adaptações convenientes ao narrador, é uma reelaboração do evento, uma rememoração que representa o passado com a roupa do presente, «(...) a rememoração é ao mesmo tempo recordação de si mesmo e recordação de outra coisa diferente» (Changeux & Ricoeur, 2001, 146). A rememoração da escola do Estado Novo suscita uma recordação que revela traços da memória semântica e biográfica, muitas vezes apoiando uma narrativa de evento biográfico não-vivido. Esta hipótese pode ser apoiada no que Johann Michel destacou como o reposicionamento do evento biográfico não-vivido no âmbito entre a memória autobiográfica e a memória histórico-semântica (2016, 81).

Se focarmos o período temporal do Estado Novo, considerando todas as suas particularidades sociais, políticas e económicas, temos um contexto cuja rememoração traz à superfície simpáticos e críticos ao regime. Contudo, manifestar sua simpatia à um regime totalitário impõe ao narrador o uso de filtros, julgamentos de consciência, pois como refere Changeux & Ricoeur,



«a memória ocupa, de facto, uma importância capital na consciência de si próprio e dos outros» (2001, 141).

Qual a relevância dos estudos relacionados à memória social da escola para a História da Educação? Nos contextos dos processos educativos, a sala de aula e a escola, representam uma forte dimensão social e relacional (Formosinho, 2004, 146) e a nossa vivência nestes espaços está potencialmente repleta de memórias. A abordagem sociodinâmica propõe que encaremos a diversidade de atores e a complexidade das relações na observação dos fenómenos (Ferreira, 2014, 226). Por esta razão, as investigações no âmbito da memória social da escola podem contribuir significativamente para a História da Educação. «A memória, à qual a história chega, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado apenas para servir o presente e o futuro» (Le Goff, 2000, 59). O passado da escola é o passado das comunidades, das pessoas que a viveram e das memórias que ficaram noutra tempo. Especialmente o passado da escola que se transforma ou se elimina com o tempo e sobre a qual restam-nos algumas fotografias, documentos e esparsas narrativas.

#### **4. O passado e o presente na memória da escola do tempo do Estado Novo**

Como parte de uma investigação em desenvolvimento, este trabalho tem por objetivo propor reflexões em torno das seguintes perguntas: 1. Que recordações das práticas educativas emergem quando evocamos a memória da escola do tempo do Estado Novo? 2. Como são recordadas e que significados lhe são atribuídas? 3. Qual o seu contributo para uma melhor compreensão da memória social da escola? Apoiados em obras de referência no âmbito da memória social, nossa abordagem propõe-se a refletir a memória da escola numa perspetiva sociodinâmica, onde a recordação e especialmente a narrativa da memória, depende tanto do momento passado como do presente. Adotamos uma metodologia qualitativa no tratamento dos dados provenientes de entrevistas semiestruturadas aplicadas entre 2017 e 2018 em Portugal, sendo utilizado para este artigo o recorte referente ao caso de um indivíduo.

O caso selecionado para nossa análise foi denominado por Mneme6, e frequentou a Escola Primária e a Escola de Magistério enquanto discente, vindo mais tarde a trabalhar em algumas escolas enquanto docente. Convém

ressaltar que durante o Estado Novo e algum tempo depois, haviam escolas que funcionavam em residências alugadas para este efeito e em escolas construídas de raiz. No primeiro caso, as condições de conforto para alunos e professores eram limitadas, com poucos materiais e mesmo pouco mobiliário, já no segundo, era mais comum encontrarem boas condições para a época. Verificamos logo ao início que Mneme6 esteve no grupo privilegiado que deu aulas em escolas de raiz e refere que a primeira escola em que trabalhou era pequenina, com poucos alunos, mas tinha as quatro classes. Em seguida, afirma que outra onde esteve era do Plano dos Centenários, mas só com uma sala. Convém apontar que as escolas do Plano dos Centenários foram construídas pelo Estado Novo entre 1941 e 1969, com projetos assinados pelos arquitetos Raul Lino para as regiões do Sul de Portugal e Rogério de Azevedo para Centro e Norte. Sendo escolas construídas pelo regime, é expectável que suas salas de aulas respeitem a rigor a iconografia do Estado Novo. Assim, perguntamos o que havia do regime na escola e como resposta destaca a fotografia de Salazar, do Presidente da República e o crucifixo, lembrando que à exceção do Presidente da República, os demais elementos continuaram os mesmos do seu tempo de estudante até o momento em que foi dar aulas. Este comentário de Mneme6 ilustra a longevidade do Salazarismo ao ponto de banalizar-se na composição da sala de aula. Tanto em Portugal, quanto em Espanha e Itália, a composição da sala de aula de seus regimes repete o mesmo diagrama iconográfico, partilhando semelhanças nas lógicas de representação ideológica. Como estamos a lidar com um facto cujo distanciamento permite-nos uma perspectiva histórica, é muito provável que Mneme6 já não precise esforçar-se em recordar a sala de aula de quando era docente, ou talvez esteja a sobrepor a memória semântica à biográfica quando evoca essas recordações. Sabemos que passadas quatro décadas após o fim do regime, muito se falou, se escreveu e se ensinou sobre o Estado Novo, de forma que sua iconografia ideológica do poder do Estado e da Igreja é conhecida por quem viveu e quem não viveu o regime. Pois mesmo os edifícios já se perderam na memória, foram transformados ou «resignificados» na atualidade, deixando de serem escolas para tornar-se em residências, pousadas, restaurantes, sedes de associações ou Juntas de Freguesia.

Quanto às recordações das práticas educativas que emergem quando evocamos a memória da escola do tempo do Estado Novo, Mneme6 recordou primeiramente as atividades da Escola de Magistério, referindo que aprendiam mais nas anexas e depois nos estágios. Sobre as práticas

educativas enquanto docente, descreveu o processo de ensino da escrita e da leitura, as aulas de Matemática e de Geografia. Sobre esta última recordou que tinha de ensinar os rios e caminhos de ferro de Portugal e de Angola. Mas curiosamente não referiu os mapas, as lições de Salazar, os manuais escolares ou mesmo as ilustrações de capas de cadernos relacionadas à Mocidade Portuguesa. Sua narrativa privilegiou as dificuldades impostas ao exercício da profissão – «Só muito mais tarde é que vieram as esferográficas. E era preciso ter cuidado com os miúdos que às vezes picavam-se com os aparos uns aos outros. Nós tínhamos de estar sempre atentas. Quando se zangavam, podia haver problemas. Ainda me lembro nos primeiros anos as cadeiras serem de levantar as tampas e, no tempo das cerejas, metiam os caroços. Ao sentar-se aquilo estalava. Mas evoluiu muito, para melhor, ainda bem». Quando se refere ao ensino da matemática, especificamente da tabuada, enfatiza que «Eles tinham que saber e o pessoal de agora não sabe. Faz-me impressão qualquer coisa fazerem à máquina. Faz-se mais depressa de cabeça do que com a máquina, às vezes.» Esta frase evidencia a perspetiva sociodinâmica da memória, denunciando na narrativa de Mneme6 que suas lembranças da escola do passado convocam a escola do presente.

A visão da infância e as dificuldades sociais e económicas sobressaem-se frente às recordações da prática docente, ao passado é atribuído o significado de tempos difíceis. Mneme6 recorda das crianças que ficavam à espera que lhes dessem sobras do almoço preparado para os docentes e recorda que era numa escola onde trabalhavam oito. Refere que era na altura da Tele-Escola, portanto, após o 25 de Abril de 1974 e fim do Estado Novo. A pobreza não se encerra com o regime e, mais à frente, lembra de uma aluna que dizia que gostava do dia em que fazia anos porque nesse dia a mãe lhe dava um ovo. Os ovos, as broas, e tudo quanto fosse produzido era potencialmente vendido na feira para garantir o sustento da família. É interessante notar que o contexto social é privilegiado na narrativa, pois a emoção de quem recorda é potencializadora do objeto da memória. A entrevista focava-se nas práticas pedagógicas, no ensino e na aprendizagem, mas ao recordar a pobreza daquele tempo Mneme6 cinge-se ao contexto social destacando que «as crianças tinham falta de tudo». A consciência de si próprio e dos outros impregna-se nas narrativas deste caso, no qual se recorda a escola do tempo do Estado Novo e ao mesmo tempo se recorda todo um conjunto de micro biografias.

Em nossa entrevista perguntamos ainda sobre a relação entre adultos e crianças, sobre a infância, os castigos e a ideia de autoridade. Sabemos que

muitas crianças ajudavam os pais nas tarefas de casa e mesmo em trabalhos, e também sabemos que muitos pais deixavam claro aos professores que podiam bater nas crianças se elas lhes faltassem no respeito. Mneme6 refere que «eram muito limitados, não tinham brinquedos, não tinham tempos livres, tinham que ser obedientes mesmo aos pais e aos professores porque, se não fossem, corria-lhes mal. Havia um ao outro que era assim um bocado mais reguila, mas, de uma maneira geral, tinham que obedecer para não apanharem.» Refere que não batia, mas falava mais alto quanto precisava, mas tudo isso com o apoio dos pais «diziam sempre que, se fosse preciso, senhora professora, dê-lhe para baixo». Temos nessa última parte um retrato da escola do tempo do Estado Novo sublimado na entrevista, pois nas narrativas o passado ganha relevância na medida em que se apresenta em comparação com o presente. Se no que toca aos aspetos económicos e sociais a escola do tempo do Estado Novo era um tempo desfavorável, ao comparar com o presente quanto aos valores sua recordação aproxima-se de um saudosismo e resume sua perceção do passado, o que se verifica quando perguntamos acerca dos valores que eram ensinados na escola e obtemos como resposta: «Respeito, muito, e obediência, muita».

## 5. Considerações Finais

O Estado Novo foi nosso pretexto, assumindo o seu papel de contexto político e social onde se insere a escola que pretendemos recordar. A análise dos conteúdos permite-nos constatar que o regime se revela na sala de aula, materiais, conceção de autoridade, castigos e relação entre alunos e docentes. As memórias combinam história social dos alunos, professoras e os desafios físicos e económicos. As narrativas destacam a criatividade nas práticas pedagógicas para superar as dificuldades, especialmente nas escolas que funcionavam em casas de particulares. Os significados atribuídos às recordações revelam uma perceção sociodinâmica dos eventos biográficos, contribuindo para uma melhor compreensão da memória social da infância, da família e da escola.

A exposição em torno do caso selecionado serviu para lançar reflexões em torno de nossa afirmação de partida, a qual fora anunciada no título deste trabalho. Iniciamos com a proposição de que a memória da escola do tempo do Estado Novo em Portugal posiciona-se entre o passado e o presente. Nossa abordagem manteve-se alinhada à uma perspetiva sociodinâmica

da memória, sem ignorar as bases conceptuais que fundamentam as investigações em torno da memória social. Bebemos delas e sobre delineamos um caminho simples e prático, porém ambicioso por tratar-se de uma teorização ainda recente. Concluímos nossa reflexão com a verificação de que a memória da escola do tempo do Estado Novo permite-nos compor um imaginário que dialoga entre o passado e o presente, além de expor as transformações sociais da escola nas últimas décadas em Portugal.

## 6. Referências

- ARENDDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. [R. Raposo, Trad.] Lisboa, D. Quixote, 2017.
- BADDELEY, Alan, ANDERSON, Michael C., & EYSENCK, Michael W. *Memória*. [C. Stolting, Trad.] Porto Alegre, Artmed, 2011.
- BERGSON, Henry. *Matière et Mémoire: essai sur la relation du corps à l'esprit*. Paris, PUF, 2012.
- CARVALHO, Rômulo de. *História do Ensino em Portugal: Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do Regime de Salazar-Caetano*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- CHANGEUX, Jean-Pierre, & RICOEUR, Paul. *O que nos faz pensar?: um neurocentista e um filósofo debatem ética, natureza humana e o cérebro*. [I. Saint-Aubyn, Trad.] Lisboa, Edições 70, 2001.
- GOMES FERREIRA, António. «Os outros como condição de aprendizagem: desafio para uma abordagem sociodinâmica da Educação Comparada», *Educação Unisinos*, XVIII/3, (2014), 220-227.
- GOMES FERREIRA, António, & MOTA, Luís. «Memories of life experiences in a teacher training institution during the revolution». *Paedagogica Historica*, XLIX/5, (2013), 698-715.
- OLIVEIRA FORMOSINHO, Júlia. «A participação guiada - coração da pedagogia da infância?», *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXVIII/1,2,3, (2004), 145-158.
- GOMES FERREIRA, António. «O Portugal e o Estado Novo para as crianças do ensino primário». *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIII/3, (1999), 137-153.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris, Albin Michel, 1994.

- LE GOFF, Jacques. *História e Memória: Memória* (Vol. II). [R. Oliveira, Trad.] Lisboa, Edições 70, 2000.
- MICHEL, Johann. *A Sociologia do Si*. [H. Barros, Trad.] Valongo, Lema d'Origem, 2016.
- MALVA NOVAIS, Noémia. «A ascensão de Salazar e a imprensa». CORDEIRO, C., *Autoritarismos, Totalitarismos e Respostas Democráticas*, Coimbra; P. Delgada, Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Universidade dos Açores; Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, 2011, 75-91.
- ROSAS, Fernando. *História de Portugal. O Estado Novo (1926-1974)* [Vol. VII]. Lisboa, Editorial Estampa, 1998.
- ROSAS, Fernando. *Salazar e o poder: A arte de saber durar*. Lisboa, Tinta da China, 2015.
- REIS TORGAL, Luís. *Estados novos, Estado novo: ensaios de história política e cultural* [Vol. 1]. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2009.
- ZOURABICHVILI, François. *Deleuze: Uma Filosofia do Acontecimento*. [L. B. Orlando, Trad.], São Paulo, Editora 34, 2016.

*Página intencionadamente en blanco.*

# OTHER PUBLICATIONS OF FAHRENHOUSE

www.fahrenheithouse.com

## BOOKS

- Payà Rico, A., Hernández Huerta, J. L., Cagnolati, A., González Gómez, S., & Valero Gómez, S. (Eds.). (2018). *Globalizing the student rebellion in the long '68*.
- García Carrasco, J., & Canal Bedia, R. (2018). *Así somos los humanos: plásticos, vulnerables y resilientes*.
- Sgreccia, N. (coord.). (2018). *Procesos de acompañamiento en la formación inicial y continua de profesores en matemática*.
- Kaufmann, C. (Ed.). (2018). *Estudios sobre historia y política de la educación argentina reciente (1960-2000)*.
- Kaufmann, C. (Dir.). (2018). *Dictadura y Educación. Tomo 3: Los textos escolares en la historia argentina reciente*.
- Kaufmann, C. (Dir.). (2018). *Dictadura y Educación. Tomo 2: Depuraciones y vigilancia en las universidades nacionales argentinas*.
- Marim, V., & Manso, J. (2018). *A formação inicial do professor de educação básica no Brasil e na Espanha*.
- Kaufmann, C. (Dir.). (2017). *Dictadura y Educación. Tomo 1: Universidad y Grupos Académicos Argentinos (1976-1983)*.
- Herrán Gascón, A. de la. (2017). *Reflexiones pedagógicas desde el enfoque radical e inclusivo de la formación*.
- Martín-Sánchez, M., & Groves, T. (Eds.). (2016). *La formación del profesorado. Nuevos enfoques desde la teoría y la historia de la educación*.
- Cassano, F. V. (2016). *Penser la laïcité dans la société multiculturelle. Analyse historique du contexte français et réflexions pédagogiques*.
- González Gómez, S., Pérez Miranda, I., & Gómez Sánchez, A. M. (Eds.). (2016). *Mors certa, hora incerta. Tradiciones, representaciones y educación ante la muerte*.
- Herrán Gascón, A. de la. (2015). *Pedagogía radical e inclusiva y educación para la muerte*.
- Cagnolati, A. (Ed.). (2015). *The borders of Fantasia*.
- Hernández Huerta, J. L., Cagnolati, A., & Diestro Fernández, A. (Eds.). (2015). *Connecting History of Education. Scientific Journals as International Tools for a Global World*.
- Cagnolati, A., & Hernández Huerta, J. L. (Eds.). (2015). *La Pedagogía ante la Muerte: reflexiones e interpretaciones en perspectivas histórica y filosófica. Simposio de Historia de la Educación. Actas*.
- Hernández Díaz, J. M. (Coord.). (2014). *Influencias italianas en la educación española e iberoamericana*.
- Hernández Díaz, J. M. (Coord.); Hernández Huerta, J. L. (Ed.). (2014). *Historia y Presente de la Educación Ambiental. Ensayos con perfil iberoamericano*.
- Hernández Huerta, J. L. (Coord.). (2014). *En torno a la Educación Social. Estudios, reflexiones y experiencias*.
- Hernández Huerta, J. L., Quintano Nieto, J., & Ortega Gaité, S. (Eds.). (2014). *Utopía y Educación. Ensayos y Estudios*.

## JOURNALS

*Foro de Educación* ([www.forodeeducacion.com](http://www.forodeeducacion.com))

*Espacio, Tiempo y Educación* ([www.espaciotiempoyeducacion.com](http://www.espaciotiempoyeducacion.com))

*El Futuro del Pasado* ([www.elfuturodelpasado.com](http://www.elfuturodelpasado.com))



Conocer la práctica o prácticas educativas en el pasado, desarrolladas tanto dentro de la institución escolar como fuera de ella, requiere de la existencia, conservación y uso de nuevas fuentes que sean registros tangibles de esta práctica, como pueden ser los espacios y elementos materiales utilizados (espacios, mobiliario, objetos, instrumentos o materiales didácticos, libros escolares, etc.), o que informen directamente de esta práctica (memorias profesionales de los docentes, exámenes, informes o memorias de actividades, memorias de prácticas, memorias de oposición, testimonios personales, cuadernos escolares o apuntes de clase, trabajos de alumnos, fotografías y/o álbumes, anuarios o revistas escolares, etc.). Estos vestigios de la práctica educativa, cuya conservación se ha visto afectada por contingencias múltiples, son también indicios que interpretados nos pueden permitir reconstruir las realidades vividas y reconstruidas en la memoria individual y colectiva que nos acerquen a los imaginarios sobre la educación que comparten las distintas generaciones.

Hasta ahora nuestro conocimiento se ha basado fundamentalmente en fuentes administrativas, políticas o que presentaban los discursos teóricos sobre cómo debía ser esta práctica. En muchos casos estas fuentes han primado las discontinuidades al sobrevalorar los cambios políticos y considerar que las transformaciones de las prácticas educativas se derivan necesariamente de la modificación de las circunstancias políticas o de los enfoques pedagógicos. Creemos que incorporando al estudio histórico de la práctica educativa estas nuevas fuentes podremos alcanzar un conocimiento mucho más profundo y matizado de esta práctica, y entender sus tiempos, sus dinámicas y sus lógicas, que no siempre son las mismas que se deducen de las fuentes administrativas y/o políticas, o de los discursos teóricos sobre cómo debía ser esta práctica. También creemos que demostrar el valor historiográfico de las mismas puede ayudar a concienciar sobre la importancia de su preservación, y sobre la necesidad de contar con espacios museísticos y archivísticos en los que se valore y conserve este tipo de testimonios del pasado educativo como bienes patrimoniales de nuestra sociedad.

El estudio y la conservación de los testimonios de la práctica educativa, tanto en calidad de bienes patrimoniales como de fuentes para la investigación histórica, deben estar en constante interrelación. Por este motivo, el objetivo de este volumen es contribuir al diálogo entre la investigación histórico-educativa y la conservación y difusión de su patrimonio, para alcanzar un mayor conocimiento sobre la práctica educativa en el pasado, sobre la necesidad de preservar sus testimonios, y sobre el valor de los mismos como bienes patrimoniales.

